

Alice no país de incertezas

JOTA ALCIDES

Dentro de um supermercado de Brasília, andando lentamente nos corredores entre prateleiras vazias, com olhar de perplexidade e semblante abatido, dona Alice, mais ou menos 30 anos, confessava timidamente para sua amiga ao lado: "Está demais. Meu marido, servidor público, ficou desempregado ano passado. O Natal foi sem presentes e a ceia, que eu tanto gostava de preparar, ficou reduzida a um simples jantar. Agora, tive que tirar os dois filhos de escola particular para colocá-los na rede oficial que só vive em greve, infelizmente. Nossa vida está só piorando".

Como dona Alice, seguramente milhões de brasileiros estão enfrentando dificuldades, uns mais, outros menos. Foi-se a expectativa de prosperidade e bem-estar social que 60 por cento dos brasileiros, o maior índice de otimismo nos últimos dez anos, tinham em 1989, embalados pelas possibilidades de mudanças anunciadas em campanha eleitoral. Embora 49 por cento da população, segundo recente levantamento do Gallup, ainda permaneçam resistindo e não tenham sido dominados totalmente pelo pessimismo, mantendo erguida a bandeira da esperança, 50 por cento dos brasileiros, cerca de 75 milhões de pessoas, estão admitindo que 1991 será pior que 1990, com mais desemprego, mais greves, mais baixos salários e, enfim, mais desânimo.

Este é um dado cruel. Sempre identificamos aqui e lá fora como eternos otimistas, confiantes no seu país do futuro, agora os brasileiros, em grande parte, estão inseguros diante da crise econômica, percebendo mais claramente que o Brasil tem graves problemas a serem resolvidos e sentindo, realisticamente, que a reconstrução nacional não tem milagres nem fantasias. O país das maravilhas e dos encantos, onde tudo é possível, com perspectiva promissora de potência mundial, está, gradativamente, deixando de

ocupar o imaginário e o inconsciente coletivo dos brasileiros, sempre e sempre mais tensamente preocupados com a sobrevivência do dia-a-dia do que com o futuro.

Pode até servir como conforto o fato de que não é apenas o Brasil que sofre de angústia e ansiedade na atualidade. De fato, só o Japão desconhece a crise. O que ocorre no Brasil está acontecendo, em proporções diferentes, em países desenvolvidos como os Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha. O sentimento geral é de preocupação, insegurança e até medo com instabilidade econômica, o crescimento da recessão, do desemprego, da fome e da miséria. Além disso, a explosão da guerra no Golfo Pérsico ampliou o pessimismo no cenário mundial.

Economistas, sociólogos, psicólogos e outros cientistas sociais acham que houve uma reversão de expectativas nos últimos três anos. Na verdade, a queda do Muro de Berlim e os ventos de liberdade no Leste Europeu, em 1989, mudando completamente o curso da História, alimentaram previsões otimistas para o mundo inteiro. E, em 1990, a reunificação das Alemanhas Ocidental e Oriental e o fim da guerra fria entre as grandes potências pareciam indicar anos seguidos, duradouros, de paz e prosperidade. Tudo isso foi sufocado pelos conflitos nas repúblicas soviéticas abalando a perestroika de Mikhail Gorbachev e pela invasão do Kuwait pelo Iraque em agosto passado. Com recessão e guerra, o otimismo cedeu lugar ao pessimismo. O mesmo sentimento de incerteza que atinge norte-americanos e europeus também aflige os brasileiros. Mas, apesar dos exercícios de futurologia pródigos em astral negativo, por mais paradoxal que pareça, resta, a dona Alice e aos milhões de brasileiros em desesperança, a lição humana e histórica de que não adianta desistir. É fundamental manter a luta para vencer o desânimo. Enquanto o futuro não chega, o jeito é confiar no futuro.

CORREIO BRAZILENSE

21 FEV 1991